



**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Relações Internacionais**  
**Graduação em Relações Internacionais**  
**Eixo de Pesquisa Científica**

**OS MUROS DA INSEGURANÇA E AS INCERTEZAS DO  
PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA**

**ISABELA RAMOS TEIXEIRA**  
**1511209**

Orientadora: Paula Sandrin  
Período: 2019.1

**Rio de Janeiro**  
**2019**



**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Relações Internacionais**  
**Graduação em Relações Internacionais**  
**Eixo de Pesquisa Científica**

**OS MUROS DA INSEGURANÇA E AS INCERTEZAS DO  
PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NA UNIÃO EUROPEIA**

**ISABELA RAMOS TEIXEIRA**  
**1511209**

Artigo Científico apresentado ao Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Rio de Janeiro**  
**2019**

## Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar a construção de muros físicos por países-membros da União Europeia. Para isso se torna necessário analisar outros tipos de muros não visíveis e as políticas migratórias conectadas a esses muros. Busca-se compreender se a construção de muros físicos por países como o Reino Unido, França, Hungria, Bulgária e Áustria afetam a noção de comunidade política da União Europeia. Nesse sentido, a maneira pela qual esses países e a União Europeia como instituição lidam com a crise de refugiados é analisada. Além disso, é de extrema importância a Política Migratória do bloco, que se expressa através de Schengen e da Frontex. O Schengen é o acordo que permite a livre circulação de pessoas entre os países membros e a Frontex é a agência responsável por controlar as fronteiras externas da União. A importância destes advém da sua ligação com a construção dos muros físicos pelos países citados. A partir do momento que membros do bloco percebem a necessidade de agir unilateralmente e construir muros que reafirmam sua soberania, a necessidade de repensar políticas migratórias dentro da União Europeia fica clara. O que esse artigo vai tentar defender é que haviam várias maneiras de lidar com essa crise e a União Europeia escolheu o caminho de securitização, que não necessariamente era a melhor opção. Ao final do trabalho espera-se chegar a conclusões sobre as consequências da construção de muros físicos para a União Europeia.

**Palavras-Chave:** União Europeia; Muros; Imigração Internacional; Securitização;

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	4
1- O CONCEITO DE COMUNIDADE POLÍTICA DA UNIÃO EUROPEIA.....	6
2- O ESPAÇO SCHENGEN E A CONSTRUÇÃO DE MUROS.....	13
3- MUROS: SECURITIZAÇÃO, FORTALEZA EUROPEIA E TEATRALIDADE.....	18
4- OS MUROS FÍSICOS DA UNIÃO EUROPEIA.....	28
5- AS CONSEQUÊNCIAS DOS MUROS FÍSICOS: SECURITIZAÇÃO, FORTALEZA EUROPEIA E TEATRALIDADE NA PRÁTICA.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
BIBLIOGRAFIA.....	47

## Introdução

Em 2008, teve início uma crise econômica mundial que gerou impactos profundos sobre a União Europeia. A partir de 2015, com o ataque terrorista contra o jornal satírico Charlie Hebdo (que deu início a intensificação de ataques “extremistas” na Europa) e com uma crise de refugiados às suas portas, começou-se a questionar se o modelo de união desse bloco realmente havia dado certo. Essa situação se agravou ainda mais com o desejo de saída inédito de um país membro do bloco - o Reino Unido -, que gerou discussões intensas sobre a continuidade da União Europeia e conseqüentemente das suas instituições no cenário atual.

A União Europeia sempre se promoveu como um modelo a ser seguido no contexto de integração regional. Isso se deve ao fato de que a integração desse bloco foi além do comércio: ela levou os países-membros a congregarem suas soberanias também em outras áreas, como segurança e política externa. Porém é importante notar que a área de estudos de integração regional é heterogênea e existem diferentes lentes teóricas para analisar por que ocorreu esse processo de integração. (ROSAMOND, 2000, p.1-9). Levando isso em consideração, essa pesquisa não pretende analisar as causas do processo de integração, e sim quais os efeitos da construção de muros por parte de vários países europeus nas concepções de comunidade política no bloco. As crises externas vão influenciar nesse processo ao gerar novas políticas de policiamento de fronteiras e na maneira com a qual os países lidam com a crise de refugiados.

Um dos pontos centrais a destacar é o fenômeno de construção de muros na União Europeia, que não é algo novo, mas se intensificou com a crise de refugiados

de 2015. Nesse período, o fluxo de pessoas buscando entrar nos países do bloco europeu aumentou consideravelmente, fazendo com que discussões sobre segurança e estabilidade estivessem cada vez mais presentes no cenário europeu.

Existe um movimento consistente de países da União Europeia (como a Bulgária, Hungria, Áustria, França e Reino Unido) de fazer desses muros uma realidade. Só em 2017 o Governo da Bulgária gastou 626 mil euros na construção de uma nova seção do muro entre a Bulgária e a Turquia (LEVIEV-SAWYER, 2017). Já o Ministro de Imigração britânico admite que pelo menos 1,9 milhões de libras foram gastos na construção do muro em Calais na França. (CHRISAFIS; TRAVIS, 2016). Esses são alguns exemplos que nos ajudam a entender que existe uma clara tentativa de uma construção física desses muros. Esse artigo pretende então analisar quais são os efeitos sobre concepções de comunidade política da União Europeia, a partir de investimentos na construção de muros, desde a crise migratória de 2015.

## **1. O conceito de comunidade política da União Europeia**

Antes de analisar a construção de muros dentro do bloco europeu, intensificado a partir da crise migratória<sup>1</sup> de 2015, é preciso entender que a União Europeia é um processo de integração regional complexo, altamente baseado em tratados jurídicos. Esses tratados são acordos firmados entre países membros que determinam em que áreas o bloco pode legislar e em quais áreas o poder de decisão fica a cargo do Estado. Como o bloco está em constante transformação, esses tratados são alterados para lidar com as consequências que eventos externos podem ter para os acordos firmados entre os países. Isso significa que ao mesmo tempo que a União Europeia é firmada em acordos jurídicos, os processos que ocorrem dentro do bloco são extremamente políticos. Eventos como a crise de refugiados vão ter assim impactos nos comprometimentos jurídicos que os países-membros afirmam e podem até fazer membros, como o Reino Unido, cogitaram que não querem estar juridicamente vinculados a determinados processos. (UNIÃO EUROPEIA, [2013?]).

Existem dois tratados que foram fundamentais para a criação da União Europeia como comunidade política: eles são o Tratado da União Europeia (TEU), mais conhecido como Tratado Maastricht de 1992 e o Tratado de Funcionamento da União Europeia (TFEU) de 2007. Ambos os tratados tiveram incorporações ao longo dos anos e são fundamentais para entender os aspectos nos quais a União

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui crise migratória e crise de refugiados como sinônimos, considerando que foi uma crise migratória gerada pelo grande fluxo de pessoas buscando refúgio em decorrência da Guerra Civil na Síria.

Europeia pode legislar. A competência da União Europeia sobre determinadas áreas é minuciosamente descrita em diversas áreas como comércio, meio-ambiente, política monetária e segurança. As diferentes obrigações da União advêm do fato de que determinados assuntos mais sensíveis geram uma dificuldade de consenso entre bloco e países-membros, o que dificulta uma decisão unificada sobre como lidar com crises. (EUR-LEX, [2013?]).

Dentro de todo esse escopo, encontra-se o Espaço Schengen. Nas palavras da própria União Europeia (UE):

O espaço Schengen é um dos maiores feitos da UE. Trata-se de um espaço sem fronteiras internas no interior do qual os cidadãos europeus e muitos nacionais de países que não pertencem à UE podem circular livremente, em turismo ou por motivos de trabalho, sem serem sujeitos a controles fronteiriços. Criado em 1985, este espaço tem vindo gradualmente a crescer, englobando, hoje em dia, quase todos os países da UE e alguns países associados. (UNIÃO EUROPEIA, [2017?]).

O Espaço Schengen é central nessa pesquisa, pois é por conta da livre-circulação de pessoas dentro do bloco que alguns países vão querer impedir a entrada de refugiados em seu território a partir da construção de muros. Na própria descrição feita pela União Europeia, turismo e negócios são citados, mas não aqueles cuja permanência no bloco ameacem a livre-circulação dos cidadãos europeus. É difícil entender a importância do espaço Schengen devido as suas constantes transformações, por isso creio ser necessário explicar um pouco mais sobre o contexto no qual esse mecanismo está inserido e suas mudanças ao longo do tempo.

A partir de 1992<sup>2</sup>, políticas como imigração e asilo estavam inseridas dentro do planejamento de “*Justice and Home Affairs*” (JHA). Porém, o mesmo foi transformado na “*Area of Freedom, Security and Justice*” (AFSJ) com as mudanças

---

<sup>2</sup> Schengen é criado em 1985.



trazidas pelo Tratado de Lisboa assinado em 2007. A União Europeia ao longo de sua história teve conflitos entre o que seria intergovernamental e o que seria supranacional. Em outras palavras, os Estados-Membros da União não queriam perder seu poder em determinados assuntos que consideravam importantes demais (sendo assim essas áreas permaneceram intergovernamentais), já em assuntos em que os Estados consideravam mais técnicos e viam benefícios em delegar para a União, os mesmos se tornavam supranacionais. (UÇARER, 2013).

O problema dessa separação foi quando determinados assuntos, como imigração, traziam opiniões divergentes entre os Estados-Membros da União. Países como a Alemanha e a França queriam que a União tivesse maior delegação nessas áreas, outros como o Reino Unido e Dinamarca eram contra. A solução encontrada para a questão foram os “opt-outs”, a possibilidade desses países de não fazerem parte de determinadas políticas. O Reino Unido e a Irlanda, por exemplo, têm “opt-outs” no Espaço Schengen e na AFSJ e a Dinamarca tem na AFSJ e na CSDP (“Common Security and Defence Policy”). (UÇARER, 2013).

O interessante dos “opt-outs” é que eles demonstram como a legislação da União Europeia foi sendo adaptada para manter o ímpeto e a relevância do bloco. Ao longo dos anos de políticas de cooperação, alguns passos procedurais foram feitos para garantir a continuidade da zona de livre circulação de pessoas: o Tratado de Maastricht (1992), o Tratado de Amsterdam (1999) e o Tratado de Lisboa (2007). Ao longo desses tratados, cooperação em políticas de imigração e asilo tornou-se cada vez mais relevante, tendo impacto não só nas fronteiras internas da União, mas também nas externas. (UÇARER, 2013).

Nesse contexto, nem todos os processos migratórios converteram-se em política única da União, alguns ainda continuaram intergovernamentais. De todo

modo, a capacidade da União de assumir para si tarefas aos quais os países membros se tornam vinculados legalmente aumentou consideravelmente. Isso trouxe à tona discussões sobre uma “Fortaleza Europeia” na qual o acesso se tornava cada vez mais restrito para quem vinha de fora, porém, livre para quem tinha a sorte de ser considerado cidadão.

O Espaço Schengen é um ótimo exemplo de uma política migratória da União Europeia que foi se adaptando ao longo dos anos. Em 1985, alguns países-membros do bloco decidiram acabar com controle de fronteiras internas. Isso foi formalizado no Acordo de Schengen e depois na Convenção de Implementação de Schengen em 1990, no qual Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha, França e Itália criaram um sistema pelo qual conectariam suas políticas e polícias alfandegárias. O objetivo inicial do Schengen era estabelecer objetivos comuns a fronteiras externas para que não houvesse mais necessidade de fronteiras internas. Para isso eram até compartilhados pedidos de asilo e informações de criminosos. (COMISSÃO EUROPEIA, [2013?]).

Alguns países como o Reino Unido, Irlanda e Dinamarca eram contra. Apesar disso, Schengen eventualmente foi incorporado pela União Europeia na sua totalidade com o Tratado de Amsterdam de 1999. Inicialmente, Schengen era intergovernamental, mas com o Tratado de Lisboa começou a ter um status mais supranacional. Apesar de inicialmente ter sido criado para lidar com cooperação de fronteiras, a preocupação com segurança se tornou cada vez mais uma constante na União, fazendo com que Schengen se tornasse muito mais do que somente uma área com liberdade de movimento, mas também uma polícia de fronteiras unificada. (UÇARER, 2013).

É importante notar aqui que a preocupação com fronteiras e segurança se funde. Em seu artigo, “Security! What Do You Mean? From concept to Thick Signifier, Jef Huysmans argumenta que:

People group together because of a fear of the power of other people to kill and because of the uncertainty about life. If we accept that security policies communicate this rupture between death and life, it becomes clear how they embrace a process of political identification, of constructing political agencies. Security policies open a space within which a political community can represent and affirm itself. The policies thus create the condition of possibility for the political community. Hence, one can say in more traditional language that these agencies are primarily legitimated by means of their successful dealing with the problem of death, both as concretized danger and as the undetermined. (HUYSMANS, 1998, p.238).

Esse trecho é muito importante, porque ele nos ajuda a entender como a mobilização do medo da população europeia em relação ao desconhecido e/ou aquilo que é constituído como perigoso, como um problema, permitiu à União Europeia reformular os tratados referentes à imigração e a criar agências políticas para lidar com o “problema” e nesse processo se afirmar como bloco, como o ator que pode resolver tal problema, provendo segurança para a população. As políticas de fronteira, que visam atender ao desejo de segurança advindo do medo, criam as condições de possibilidade para a comunidade política União Europeia. Quando as decisões políticas entram em questionamento e a população não mais sente que o bloco a protege, a União Europeia e seus países-membros reagem. No caso da União, a partir da reformulação de políticas de fronteira e da criação de novos mecanismos. No caso dos países-membros, a partir do desejo de saída do bloco (quando o mesmo é visto como ineficiente) ou da criação de muros que demonstrem para a população que alguma coisa está sendo feita, mesmo que esses muros só sirvam para a teatralidade.

Alguns mecanismos importantes que estão inseridos dentro da legislação de Schengen ajudam a demonstrar isso: o sistema informacional de Schengen (que

compartilha dados sobre pedidos de asilo e criminosos), a Agência Frontex (que patrulha os mares e já foi acusada de impedir a entrada de pessoas pedindo asilo) e os times de rápida intervenção “*Rabit*”. A Frontex é especialmente importante, por ser a agência da União Europeia que monitora as fronteiras terrestres e marítimas do bloco. Em uma análise para o EUobserver, Nikolaj Nielsen afirma que a Frontex tem se tornado efetivamente uma agência de aplicação da lei. Ele afirma que de um orçamento anual de 6 milhões de euros de 2005, a agência passou a ter em 2018 um orçamento de 320 milhões. (NIELSEN, 2018).

Em 12 de outubro de 2018, o Conselho do “Justice and Home Affairs” (JHA) se reuniu para discutir o futuro da Frontex e concordou em aumentar o escopo de operação dessa agência, realocando ainda mais recursos para funcionários e equipamentos, decidindo por criar um corpo de guarda da Fronteira Europeia de 10.000 funcionários com poderes executivos. Além disso, a EUROSUR (o sistema de monitoramento de fronteiras europeias) foi realocada para o escopo da Frontex. (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2018). Isso garante um aumento no orçamento da Frontex para 1,3 bilhões de euros para o período de 2019-2020, o que duplica o orçamento da agência (600 milhões por ano) e 11,3 bilhões durante o período de 2021-2027 (mais de 1 bilhão por ano – o orçamento triplica em relação a 2018). (COMISSÃO EUROPEIA, 2018).

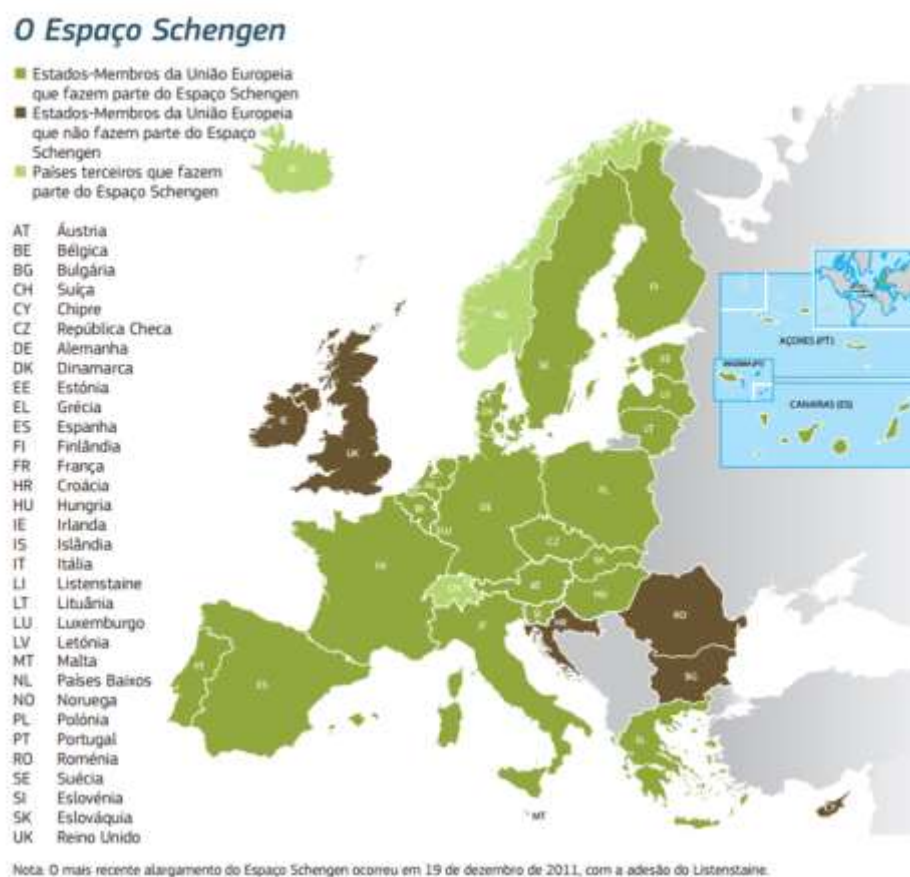
O aumento do financiamento da Frontex por parte da União Europeia, mostra um claro interesse do bloco em fortalecer essa agência de patrulhamento de fronteiras. Essa é a maneira que a União Europeia encontrou de lidar com as situações vistas como de “vida ou morte” percorridas pelo Huysmans e conseqüentemente de se afirmar como bloco político. Em um cenário de incertezas, no qual um país membro como o Reino Unido decide sair por conta de

discordâncias com as políticas migratórias, o bloco precisou demonstrar força e que estava lidando com o problema.

A consequência disso é o fortalecimento de uma agência que pelas suas ações contribui para a consolidação de uma Fortaleza Europeia e que mantém imigrantes do lado de fora. A Frontex é uma solução concreta para um “problema”, mas a questão dos refugiados na Europa não precisava ser enquadrada como um problema. Poderia haver um olhar humanitário para a questão, o que permitiria investimentos em outros tipos de política. O mesmo orçamento da Frontex poderia estar sendo usado para acolher esses refugiados dentro da União, garantindo que eles fossem bem recebidos. A fusão entre migração e insegurança não é uma novidade, mas as suas consequências são vistas em momentos de crise, como o que a Europa está passando agora.

## 2. O Espaço Schengen e a construção de muros

Mapa 1 – O Espaço Schengen



Fonte: Comissão Europeia, [2019?]

Como podemos ver em marrom, o Reino Unido, a Irlanda, a Croácia, a Bulgária, a Romênia e o Chipre são os países que fazem parte da União Europeia, mas não fazem parte do Espaço Schengen. É importante salientar, porém que, desde a crise de 2015, aconteceu o pedido da saída do Reino Unido do bloco, mais popularmente conhecido como “Brexit”, e que o Reino Unido e a Irlanda sempre foram exceções, por não fazerem parte de algumas políticas do bloco, como o Euro.

E note que os outros quatro países (a Croácia, a Bulgária, a Romênia e o Chipre) são obrigados a aderir a Schengen.

Podemos dizer então, que a Croácia, Bulgária, o Chipre e Romênia representam membros da fortaleza europeia da União Europeia que não pertencem a esse Espaço Schengen. Esse espaço busca construir dentro da Europa: um espaço de paz, prosperidade e segurança, no qual nem todos na Europa pertencem, pois aqueles fora da Zona Schengen gostariam de pertencer, mas ainda não conseguem dado os critérios de elegibilidade desse espaço. Isso cria uma espécie de linha evolutiva dentro do bloco da União Europeia que faz com que esses países façam de tudo para se enquadrar nesses critérios para que eles também façam parte do bloco e compartilhem da paz, prosperidade e segurança prometidas.

Em comparação, os muros físicos mobilizados por países como a Bulgária, Hungria, Áustria, França e Reino Unido ajudam a demonstrar que esses muros surgem dentro de um discurso que coloca uma certa ineficiência e ineficácia do patrulhamento de fronteiras da União Europeia, que acaba permitindo a entrada de um fluxo migratório grande, algo não desejado por esses países (principalmente considerando que boa parte deles tem Governos de direita ou extrema direita). O argumento desses países é que o maior fluxo de entrada de imigrantes advém do Mediterrâneo, a partir da Itália e da Grécia, que fazem vista grossa para a entrada dessas pessoas e que, portanto, elas atravessam para a fronteira dos países vizinhos (Bulgária, Romênia, Croácia, Áustria, Eslovênia e França) para entrar em outras localidades da União Europeia. O mesmo aconteceria em Calais, os imigrantes se utilizaram da proximidade entre essa cidade e o Reino Unido para atravessarem o canal e pedirem asilo.

O entendimento dos países que desejam construir muros é de que a partir do momento em que a União Europeia não consegue impedir a entrada desses imigrantes e das consequências que eles trazem, suas fronteiras não deveriam ser abertas. Apesar disso, existe um grande interesse desses países em uma ação conjunta da União Europeia, para que os custos econômicos e políticos não recaiam sobre um país sozinho. O caso do Reino Unido é interessante nesse aspecto, pois o mesmo não deseja mais fazer parte da União Europeia, porém ainda se preocupa extremamente com as políticas de controle de fronteiras do bloco europeu que lhe afetariam.

Isso demonstra que alguns governantes desses países acreditam que os muros invisíveis de controle de pessoas (raio-x, investigações criminais, controle de passaporte, vistos), não surtiram o efeito desejado, havendo assim a necessidade de muros concretos e de uma maior dureza no controle da costa marítima, como vimos com a Frontex.

Existem então similaridades entre os países que constroem muros e os países que estão fora da fortaleza europeia. Nessa discussão surge um duplo-fora: os imigrantes que não pertencem a essa comunidade internacional, mas também cidadãos de países europeus, alguns que fazem parte da União Europeia, mas que mesmo assim não estão dentro dessa fortaleza europeia. Pensar essa discussão no contexto da crise migratória permite ver essa dupla-diferenciação ou hierarquização operando de maneira mais profunda dentro do bloco e depois operando na fronteira do bloco com aquilo que é entendido como seu fora: os imigrantes.

Aqui a discussão diz respeito especificamente a Bulgária e Hungria. Enquanto a Áustria, França e Reino Unido também estão sendo responsáveis pela construção de muros, existe um foco maior nas notícias sobre os muros da Bulgária



e da Hungria do que no dos outros países. Informações sobre os muros construídos na Áustria são escassas, apesar do país estar empreendendo os mesmos esforços que a Bulgária e a Hungria. Esse foco seletivo diz respeito ao fato de que é mais fácil criticar países já considerados “problemáticos” dentro da União, do que admitir que a construção de muros físicos também foi uma escolha feita por países fundadores da União.

Ao mesmo tempo que a Hungria e a Bulgária são necessários para a União Europeia, porque fornecem a economia política do bloco (mão-de-obra barata), eles também trazem dificuldades por serem considerados problemáticos. Nesse sentido, eles fazem parte da comunidade europeia, mas são sempre alvo de preocupações. Vemos assim uma União Europeia que não é em toda homogênea, havendo distinções e hierarquizações entre seus próprios membros, Schengen sendo um exemplo que demonstra que a fortaleza europeia não é para qualquer um.

Para demonstrar isso, três tópicos serão importantes: securitização, fortaleza europeia e teatralidade. O primeiro diz respeito à securitização e como a migração passa a ser vista como problema de segurança. O segundo é o argumento de que a concepção de fortaleza europeia já existe há um tempo, mas agora com a construção de muros físicos esse conceito se intensifica (sendo que os cidadãos europeus se tornam aqueles merecedores de proteção, enquanto os refugiados e imigrantes são vistos como ameaças que devem permanecer de fora dessa fortaleza). O terceiro conceito nos ajuda a entender como esse discurso de fortaleza é construído.

O conceito de fortaleza europeia se relaciona com a noção de comunidade política. Os muros são construídos para manter algo do lado de fora, então existe um “duplo-fora”. Aqueles que fazem parte da comunidade política, mas não fazem

parte do discurso da fortaleza europeia<sup>3</sup>, e aqueles que não fazem parte de nenhuma dessas categorias. Em termos teóricos, o Huysmans será bastante utilizado por conta do seu conceito de fortaleza europeia.

O terceiro tópico diz respeito a teatralidade. Esse é um conceito utilizado por Wendy Brown que será utilizado para demonstrar que os muros concretos criados por países da União Europeia não servem para manter os refugiados fora e sim para legitimar os países que estão construindo os muros e demonstrar que eles estão fazendo algo, principalmente considerando que a União não deu uma resposta eficaz ao problema. Sendo assim, esses três tópicos estão conectados aos muros e são de uma maneira ou outra, reproduções das diferenciações entre cidadãos e não cidadãos dentro de uma comunidade política construída.

---

<sup>3</sup> Por não estarem construindo muros e acharem que acolher os imigrantes seria uma política interessante (como a Alemanha por exemplo).

### **3. Muros: securitização, Fortaleza Europeia e teatralidade**

Já existiam, na União Europeia, pelo menos desde a década de 1990, a associação da imigração com a insegurança e controles de fronteira que supervisionavam e restringiam fluxos migratórios e, portanto, constituíam “muros metafóricos”. No entanto, com a intensificação da percepção de determinadas pessoas como potenciais ameaças de segurança, foi iniciada a construção de muros físicos. A história do “Espaço Schengen” é emblemática nesse sentido. Constituído por um conjunto de políticas voltadas ao endurecimento dos critérios de elegibilidade para a atribuição do status de cidadania, bem como ao aprimoramento de mecanismos de controle das fronteiras do bloco europeu, o Acordo Schengen foi justificado como recurso necessário para a construção de uma “fortaleza europeia” (BIGO, 2005; HUYSMANS, 2006). No contexto da “crise migratória” mencionada acima, os argumentos mobilizados na direção de criticar a eficiência dos mecanismos constitutivos de Schengen ganharam força, e por volta de 2015, contribuíram para a cristalização da visão de que a “fortaleza” havia deixado de funcionar, mostrando assim uma necessidade de muros físicos.

Considerando que tantos muros “invisíveis” como os muros visíveis possuem efeitos concretos sobre populações específicas na União Europeia e de fora dela, a presente pesquisa busca compreender como tais práticas de fronteira rearticulam o discurso sobre a construção de um “espaço pacificado” dentro da União Europeia – um espaço de segurança, paz e prosperidade, marcado por uma população entendida como merecedora de tais valores. É necessário reforçar que, para que haja um dentro, deve também existir uma linha, que define o fora.

As restrições de fluxos migratórios surgiram a partir do desenvolvimento de uma política migratória e de asilo comum na União Europeia. Para Silva e Do Amaral, a partir do Tratado de Amsterdã de 1997, a imigração passa a ser reconhecida como um problema a ser lidado e por meio de medidas de segurança, as políticas migratórias são endurecidas, fazendo com que para se ter liberdade de circulação, fosse necessário ter uma cidadania europeia (algo que advinha da nacionalidade) ou no caso de não-cidadãos, ser turista ou ter visto de estudo e/ou trabalho. Dessa maneira, determinados imigrantes foram securitizados e precisavam ser regulados administrativamente para ter a mesma liberdade que o cidadão europeu. (SILVA; DO AMARAL, 2013, p.235-245). Não são todos os imigrantes que são mal vistos: turistas, estudantes e trabalhadores qualificados são aceitos. Mas os outros são vistos como potenciais ameaças e, portanto, securitizados.

Essas restrições de fluxos migratórios não surtiram efeito no sentido da construção de mais muros metafóricos, havendo um desgaste da ideia de que é possível controlar a fronteira de forma menos custosa economicamente e politicamente. Por conta disso, houve uma necessidade de algo físico e mais teatral, como muros concretos, que viessem a ser associados a essa ideia de fortaleza europeia. O interesse desse trabalho é exatamente o de analisar a passagem da ideia do muro como metáfora, para o muro como uma realidade concreta. Além disso, percebe-se que houve uma escolha embasada em decisões políticas de um muro físico por parte de alguns Estados desse bloco europeu para passar a ideia de segurança para a população merecedora de proteção de dentro (protegida dos fluxos ameaçadores de fora).

Até aqui, discutimos os aspectos que permeiam a construção de muros, mas para seguirmos adiante, é essencial destacar a pergunta que norteará essa pesquisa: “Quais são os efeitos sobre a concepção de comunidade política da União Europeia, a partir do aumento de investimentos na construção de muros, dentro desse bloco, desde a crise migratória de 2015? ”. É relevante notar que não são todos os países do bloco que tem investido em muros, mas o argumento é que os países que o têm feito (Bulgária, Hungria, Áustria, Reino Unido e França) (ZATAT, 2016) influenciam a noção de comunidade política do bloco.

A importância de se aprofundar nessa temática é entender que pensar na materialidade do muro é também pensar no que está sendo feito em termos de concepção política. Em outras palavras, em como esses muros físicos estão modificando o discurso de soberania dentro do espaço europeu. Se isso for verdade, existe um impacto não só nas pessoas diretamente afetadas pelas políticas europeias, mas também um impacto em toda a ideia de fortaleza europeia e comunidade europeia que é vista como “modelo a ser seguido”, e, que talvez, não devesse ser.

A construção desse artigo baseia-se fundamentalmente na ideia de dois autores: Jef Huysmans, que em seu livro *The Politics of Insecurity* (2006), discute o nexo entre imigração e políticas de segurança e, Wendy Brown, que em seu livro *Walled States, Waning Sovereignty* (2010), discorre sobre como a construção de muros atuais pelos Estados-Nações significa um enfraquecimento de suas soberanias.

O conceito de “fortaleza europeia” utilizado por Huysmans, diz respeito a criação de uma fortaleza na Europa a partir das decisões de implementar diferenciações entre o livre movimento de cidadãos dos Estados-Membros, e o

cerceamento de movimento de cidadãos de terceiros países. (HUYSMANS, 2006, p.66). Essa ideia é importante para nos ajudar a entender a comunidade política europeia e o seu dentro e fora.

Em seu livro, Wendy Brown afirma que os muros são ineficazes em impedir aquilo que permite sua constante construção, e que, na verdade, os muros serviriam mais pela sua teatralidade do que pela sua funcionalidade, pois a importância deles seria projetar poder e eficácia, garantindo assim estabilidade. (BROWN, 2010, p.23). Esse argumento será utilizado para explicar o porquê da construção dos muros realizados por alguns Estados-Membros da União Europeia dentro do bloco.

Se analisarmos o texto de Wendy Brown e concordarmos com seu conceito de teatralidade, podemos nos perguntar se os muros construídos pela União Europeia realmente estão servindo para manter pessoas afastadas, ou se eles fazem parte de uma necessidade de projetar poder e segurança. Seria a fortaleza europeia de Huysmans aquilo que os países europeus procuram projetar? Se sim, que ferramentas eles estão utilizando para tornar esse conceito em algo concreto? Ademais, será que podemos pensar a Fortaleza Europeia como efeito da construção desses muros? Até o fim desse artigo, espera-se ter chegado a algum tipo de resposta sobre esses questionamentos.

A pesquisa será empreendida com especial atenção ao período posterior a 2015, na medida em que a construção de muros passou a ser avançada por alguns dos membros do bloco europeu como uma política de reação à chamada “crise migratória”. Um dos primeiros passos da pesquisa envolverá justamente o mapeamento da construção de muros físicos na União Europeia a partir de 2015. Para isso é importante notar que não são todos os países membros desse bloco que construíram muros em seus territórios e os muros que foram construídos não foram

feitos da mesma forma. Dito de outro modo, a construção de muros não é uma política da União Europeia, mas sim de países específicos – que, ao erguerem muros, tanto como metáforas em seu discurso político, como de forma materializada, impactam o conceito de comunidade política do bloco como um todo. Para isso serão usados documentos oficiais da União Europeia e de seus países-membros, como relatórios dos Ministérios de Imigração e de Justiça e dados de prestação de contas que os países divulgam em sites oficiais de seus Governos.

A União Europeia possui 28 Estados-Membros, desses membros os países que estão envolvidos na construção de muros de maneira mais expressiva são: Bulgária, Hungria, Áustria, França e Reino Unido. A maioria desses países são portas de entrada para imigrantes, o que pode ajudar a pensar porque eles investiram tanto na construção de muros. Por causa de um caráter político desses países, alguns deles tem discursos de direita fortes na sociedade contra a entrada de imigrantes dentro do seu país. Para se operacionalizar a importância da construção desses muros, será feita uma comparação entre a mudança trazida com o investimento desses países na construção de muros e o aumento exponencial de financiamento na Frontex. Tanto a construção de muros físicos quanto o aumento do interesse na Frontex operam na direção de construção de uma “fortaleza europeia”.

Para isso, foi necessário primeiramente captar como Schengen influenciou na articulação discursiva de “fortaleza europeia”, para agora mapear em que locais dos países citados acima os muros foram construídos e qual foi a instância política responsável por essa construção. Por fim, a pesquisa buscará fazer uma comparação entre os casos: são países de dentro ou de fora do Schengen? Essas regiões estão sendo usadas como laboratórios de políticas passíveis de serem empreendidas em

alcances mais abrangentes? De que maneira a Frontex como agência se relaciona com a construção desses muros?

Outro aspecto importante para pensar as políticas migratórias no âmbito da União Europeia é o enquadramento de Huysmans (2006) de que determinado fenômeno como um “problema de segurança” resulta do trabalho de “profissionais da segurança”, cuja autoridade para definir o que é uma ameaça existencial, deriva de seu conhecimento especializado. Huysmans analisa, nesse sentido, como as práticas desses profissionais da segurança definem quem pertence e quem não pertence a uma comunidade política a partir do que é visto como ameaça (HUYSMANS, 2006, pp. 80-84). Isso se torna ainda mais sério com o aumento de investimentos realizados na Frontex, aumentando o seu poder (a partir do aumento na quantidade de funcionários e burocracias pelas quais a agência se torna responsável), fazendo com que quem decida cada vez mais quem pertence e não pertence à linha do dentro e do fora, sendo uma agência europeia cuja função principal em seu momento de criação era manter pessoas fora.

A partir do momento que discutimos comunidade política pelo viés dos muros, também analisamos o pertencimento dentro dessa comunidade. Os muros são construídos para manter pessoas fora (nesse sentido de quem pertence e quem não pertence). Por conta disso, a comunidade política europeia pode ser entendida com base naquilo que se está tentando manter para fora, aquilo que se almeja que ela *não seja*. Entendendo que a identidade dessa comunidade política é criada a partir do que ela não é, sua diferença, espero conseguir entender que efeitos os muros terão sobre a concepção da comunidade política europeia.

O terceiro aspecto central dessa pesquisa é o conceito de “teatralidade” e quão forte essa teatralidade precisa ser para que se identifiquem seus efeitos sobre



a articulação da comunidade política. Para isso, utilizarei a definição de “teatralidade” de Wendy Brown e em que casos ela aplica esse conceito, pensando nos limites do mesmo e tentando entender como esse conceito pode ser útil para pensar comunidade política em função da teatralidade.

Para Wendy Brown, quando muros projetam poder e eficácia que não possuem e que performaticamente contradizem, eles são teatrais. Em outras palavras, ela explica que essa teatralização feita por um poder soberano cria uma aura de poder soberano forte, mas que não existe, pois, os muros não serviram o seu propósito - o de interdição -, mas sim criaram outro: o de legitimação desse poder soberano. A autora aplica esses conceitos aos muros construídos pelos Estados Unidos na sua fronteira com o México e aos muros feitos por Israel na sua fronteira com a Palestina. Brown ainda explica que apesar de utilizar esses dois casos, sua análise pode ser enquadrada a qualquer muro construído na última década. (BROWN, 2010, p.7-27). Para esse artigo, consideraremos como muros teatrais, aqueles que apesar da retórica dos seus políticos e da quantidade de investimentos, não impediram ou não diminuíram a quantidade de pessoas tentando entrar nos países em que foram construídos.

A União Europeia é um bloco formado por vinte e sete países<sup>4</sup>. Durante a sua formação, essa instituição adquiriu muito poder principalmente pela sua capacidade de tomar decisões (supranacionalismo). Os Estados Membros delegaram seu poder para a Instituição a partir de uma percepção de que os problemas futuros seriam lidados melhores em conjunto do que separadamente. A União a partir de seus tratados e deliberações se torna cada vez mais complexa. Na área de migração em específico, vimos que existem decisões dos blocos que

---

<sup>4</sup> Vinte e oito antes do Reino Unido começar o seu processo de saída.

envolvem diferentes agências e instituições como a Frontex, o Espaço Schengen e a “*Area of Freedom, Security and Justice*”.

Todos os tratados formadores da União<sup>5</sup> ajudaram o bloco a se tornar a comunidade política que é hoje. É importante compreender isso pois o argumento formado ao longo do texto é de que a construção de muros físicos impactou a concepção de comunidade política do bloco. Quando a Brown discute que a criação de muros físicos envolve uma tentativa por parte dos países que o constroem de passar uma aura forte de soberania, uma conexão pode ser feita com o Reino Unido, Áustria, França, Hungria e Bulgária.

Se os muros tivessem sido construídos somente pela Hungria e pela Bulgária então o argumento de que eles são países “problemáticos” que não tem impacto significativo no bloco poderia ser utilizado. Mas a partir do momento que França, Áustria e Reino Unido também constroem muros, a eficácia da União Europeia de lidar com os problemas migratórios é colocada em cheque e, portanto, isso modifica a maneira pela qual a comunidade política é vista.

A partir do momento que a União percebe que esses países estão cada vez mais se agarrando às suas soberanias, ela precisa encontrar uma maneira de lidar com a situação e isso envolve se adaptar ao cenário em que ela se encontra. Um dos lemas da União Europeia é “unidos na diversidade”, no qual os países em conjunto lutam pela paz e pela prosperidade. (UNIÃO EUROPEIA, [2000?]). Lutar em conjunto significa entrar em acordo sobre a melhor política migratória. Construir muros físicos unilateralmente vai contra essa ideia.

Se os países deixam de agir em conjunto e acreditam que a União está sendo ineficiente para lidar com os problemas, então a comunidade política é posta em

---

<sup>5</sup> Como o TEU e TFEU

cheque. Isso não significa o fim da União Europeia e sim que o bloco vai fazer investimentos maciços para provar a importância da sua continuidade. O aumento de investimentos na Frontex, a intensificação da noção de fortaleza europeia e o aumento da securitização dentro do bloco demonstram isso. Isso demonstra que no lema “unidos pela diversidade”, a diversidade que importa é aquela de dentro e não a de fora.

Ao perceberem que a União não estava lidando de maneira significativa com o problema de migração, alguns países membros decidem lidar com a questão levando em conta a sua própria soberania e não a soberania compartilhada da União. A Hungria, a Áustria e a Bulgária por conta do discurso da extrema-direita de que receber refugiados seria ruim para os seus países.<sup>6</sup> O Reino Unido por acreditar que lidaria melhor com as questões de política migratória sem a interferência da União, principalmente por acreditar que o dinheiro investido na União poderia ser melhor utilizado nas suas próprias mãos.

O fato de que o muro entre Reino Unido e França em território francês foi construído com recursos britânicos ajudam a demonstrar isso. Todos esses cenários criam impactos na concepção de comunidade política ao fazerem o bloco repensar as suas políticas migratórias. Com a saída inédita do Reino Unido (que se relaciona com tudo que foi discutido até então), a possibilidade de saída de países-membros vira mais uma peça que a União precisa levar em consideração ao lidar com crises. A ação enfática da União na área de imigração pode significar o medo da percepção de que uma comunidade política não existe sem seus países-membros.

Nesse contexto, ao lidar de maneira mais enfática com a crise, a União Europeia tem ajudado a tornar dominante um conceito de fortaleza europeia (que já

---

<sup>6</sup> Um argumento constantemente utilizado pela extrema-direita.

existia a um tempo, mas que se intensifica nesse momento). Mesmo que essa não necessariamente fosse a intenção da União, a maneira pela qual respondeu as crises fortaleceu uma agência que securitiza o tema de migração. Dentro desse conceito, alguns são merecedores de proteção – os europeus – e outros de sacrifício – os não europeus. A partir disso, tentamos argumentar ao longo do texto que a maneira pela qual a União Europeia resolveu responder a crise de refugiados não era a única e nem a melhor maneira existente.

## 4. Os muros físicos da União Europeia

Tendo demonstrado o significado da construção de muros na União Europeia e seu impacto para o conceito de comunidade política do bloco, é essencial que mostremos os casos concretos de construção de muros na União Europeia. Esses casos são: a “Grande Muralha” de Calais que envolve Reino Unido e França; o muro que a Bulgária construiu na sua fronteira com a Turquia; o muro que a Hungria construiu em toda a sua fronteira com a Sérvia; e, por fim, o muro construído pela Áustria nas suas fronteiras com a Eslovênia.

A “Grande Muralha” de Calais tem quatro metros de altura, um quilometro de comprimento e custou para o Governo Britânico £2 milhões de libras. (MCGUINNESS, 2016). A construção desse muro não impediu a entrada de refugiados/imigrantes ilegais no Reino Unido, a partir do momento que existiam outros caminhos possíveis para a travessia entre França e Reino Unido. Mas como veremos na foto do muro, ele teve um papel simbólico de teatralidade essencial.

Fotografia 1 - A “Grande Muralha” de Calais



Fonte: McGuinness (2016)

Calais é uma cidade costeira francesa que se encontra no Canal da Mancha, com facilidade de acesso para o Reino Unido. Por conta disso, é um dos pontos mais utilizados por imigrantes que desejam atravessar da França ao Reino Unido

por meios que não sejam aéreos. O Reino Unido tem um interesse muito grande nas cidades costeiras francesas, pois quer impedir a entrada de imigrantes em solo britânico a partir dessas cidades. Em 2003, França e Reino Unido assinaram o Tratado de Touquet que permite que oficiais britânicos chequem documentos no Norte da França em vez de na Inglaterra. Esses checkpoints se encontram em Calais e Dunkirk. (TAMBINI, 2018).

Com a possibilidade do Brexit, mais atenção foi dada à fronteira entre Reino Unido e França. O acordo de Touquet continua em vigor, porém além da destinação de mais £44,5 milhões de libras para a cooperação de fronteiras, um novo tratado chamado Sandhurst foi assinado em 2018. O argumento do Presidente Francês Emmanuel Macron e da Primeira Ministra britânica Theresa May é de que isso tornaria o processamento migratório mais humano, já que lidaria com os pedidos de migração de forma eficiente. Essa iniciativa garante uma ação conjunta entre os dois países, sendo um acordo bilateral e não fazendo parte dos acordos da União Europeia. (CALAIS, 2018).

Em relação ao Tratado de Sandhurst, Theresa May explica que uma força conjunta entre os países estaria pronta até 2020 para mandar 10.000 tropas de maneira rápida e eficiente para lidar com **qualquer ameaça**. (CALAIS, 2018). A necessidade desses países de investir com dinheiro e tropas para medidas de segurança demonstram um cenário sombrio que a securitização pode tomar quando levada a sério até demais.

Durante os últimos três anos, além das £44,5 milhões de libras, é presumido que o Reino Unido tenha gasto £100 milhões de libras com segurança em Calais. (FULL FACT, 2018). Em abril de 2017, o Ministério do Interior Britânico, órgão responsável pela imigração e segurança, respondeu a um pedido de liberdade de

informação que perguntava quanto o Governo tinha gasto desde 2010 para impedir a entrada de imigrantes ilegais a partir de Calais e das regiões ao seu redor. O Ministério responde esse relatório com a seguinte tabela que representa a progressão dos gastos. Como podemos ver de 2014/2015 para 2015/2016, os gastos com segurança na região duplicam. (UK HOME OFFICE, 2017).

Tabela 1 – Custos totais anuais para o controle de fronteiras em Calais e regiões adjacentes de 2010/2011 a 2015/2016 para proteção da fronteira.

**Annex A**

**Total annual costs for Border Force at Calais and surrounding locations from 2010/11 to 2015/16 to secure the border**

2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	Total
£m	£m	£m	£m	£m	£m	£m
<b>39.1</b>	<b>37.7</b>	<b>38.8</b>	<b>39.8</b>	<b>48.8</b>	<b>111.7</b>	<b>315.9</b>

Fonte: UK Home Office (2017).

É essencial entender esses gastos de segurança em Calais, porque vai ser nessa cidade que o muro entre Reino Unido e França vai ser construído. Apesar de todo esse investimento, o Governo do Reino Unido que bancou o muro e o Governo da França que autorizou a sua colocação vão sentir a necessidade de algo a mais para impedir a passagem das pessoas de um território para o outro.

Calais é importante pois recebeu muita atenção midiática devido aos seus campos de refugiados, que foram comparados a uma selva e a campos de concentração. Esses campos, oficialmente, tiveram duração de janeiro de 2015 a outubro de 2016 e foram desmantelados a partir do uso da força pela polícia francesa. Macron em um discurso feito em uma visita a Calais em 2018, argumenta que não haverá mais campos de refugiados em Calais. Apesar disso, ainda existem pessoas que permanecem em Calais com o desejo de serem aceitas na Inglaterra. (WILLSHER, 2018).

A construção do muro em Calais não diminuiu o desejo dos imigrantes de atravessarem para o Reino Unido e nem sua permanência em Calais. Tanto França quanto Reino Unido foram amplamente criticadas tanto pela ONU quanto pela UNHCR (o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) por conta de suas ações em Calais e seu tratamento com relação aos imigrantes e refugiados encontrados nessa localidade. (SPINDLER, 2016). (CHRISAFIS, 2019). (POLITICS, 2016).

Apesar disso, esses países continuam a investir em segurança e na proteção das fronteiras, o que demonstra que o aumento de investimentos na construção de muros e na proteção de fronteiras talvez esteja mais ligado a um desejo de permanecer ou não como comunidade política que privilegia alguns (cidadãos merecedores de paz, segurança e prosperidade) em detrimento de outros – aqueles constituídos como ameaças - do que necessariamente manter essas pessoas para fora. A escolha de criar uma linha de dentro e fora vem a partir da percepção de que esses imigrantes estariam colocando em perigo a própria fundação dessa comunidade política e, portanto, essa paz, segurança e prosperidade.

Não são somente a França e Reino Unido tem investido em muros dentro da União Europeia. A Bulgária vai ser outro exemplo de como a teatralidade do muro vai ser uma escolha feita por governantes de lidar com a crise de refugiados. O Governo Búlgaro construiu muros para impedir a entrada de imigrantes na sua fronteira com a Turquia. O muro na fronteira com a Turquia é importante, porque nesse país se encontra uma grande quantidade de imigrantes e refugiados. Eles desejam chegar a Alemanha fazendo o trajeto por terra pela Bulgária.

O historiador Christopher Nehring pesquisou a história dos cidadãos búlgaros que tentaram fugir na época da Guerra Fria da Bulgária para o Ocidente.



Segundo ele, existiam muros concretos, valas, cachorros de guarda e soldados armados que impediam a passagem de pessoas tentando fugir da Bulgária para a Alemanha. Muitos que fugiam da Cortina de Ferro, tentavam usar a Bulgária como passagem. A existência do Muro de Berlim é bem documentada, mas o fato de que havia também muros na Bulgária não é algo tão discutido. De acordo com Christopher Nehring a primeira morte no muro da Bulgária foi em 1965 e a última em 1989, a de um garoto de 19 anos chamado Michael Weber que foi assassinado com um tiro alguns meses antes da Queda do Muro de Berlim, quando finalmente as mortes nesse muro da Bulgária tiveram um fim. É importante entender que diferentemente da Alemanha, a Bulgária não tentou entrar de acordo com o que aconteceu no passado. Para Nehring, isso acontece porque a elite política búlgara teve representantes desse passado que continuaram ativos após a Queda do Muro de Berlim. (BREUER, 2019).

Entender a composição desse muro na história da Bulgária é essencial para questionar porque novos muros estão sendo construídos. Os muros antigos da época da “Cortina de Ferro” foram desmantelados após a Queda do Muro de Berlim. Mas considerando que de 1989 para 2019, se passaram somente trinta anos, o imaginário do muro ainda pode ser uma maneira vista pela estrutura política búlgara de “lidar com problemas”. Atualmente, a Bulgária tem um Governo de extrema-direita, com tendências xenofóbicas, o que também ajuda a compreender a escolha pela construção de muros.

Inicialmente, foi construído em 2015 um muro de 30 km em Lesovo, com o planejamento de aumentá-lo para mais 132,6 km cobrindo assim toda a fronteira entre Bulgária e Turquia. As justificativas dadas pelo Governo Búlgaro é que a construção do muro ajudaria a diminuir a imigração ilegal e os riscos para a vida e

saúde dos imigrantes que atravessam por áreas de difícil acesso. Porém, o muro não efetivamente impediu que os imigrantes continuassem tentando chegar a Alemanha e sim tornou sua jornada cada vez mais complicada. (UNHCR, 2016). É muito difícil calcular quanto o Governo Búlgaro gastou com a construção desses muros sem informações concretas por parte do Governo.

Fotografia 2 - Muro construído pelo Governo da Bulgária entre a fronteira Bulgária-Turquia, perto da cidade de Lesovo.



Fonte: Lyman (2015).

A Hungria construiu seu muro na Fronteira com a Sérvia. O caso da Hungria é interessante por conta do discurso do Ministro de Relações Exteriores do país, Peter Szijjarto sobre a ineficiência da União Europeia. A Hungria ordenou em 2015 a construção de um muro de aproximadamente 160 km. Para Szijjarto essa é uma escolha baseada no fato de que a União Europeia é muito lenta para agir. A ideia seria que o muro foi a solução encontrada para lidar com o problema da crise de refugiados, já que eles não tinham mais condições de esperar a União Europeia

encontrar uma solução para a crise migratória. (NOLAN, 2015). De acordo com a matéria feita por Daniel Nolan para o The Telegraph:

“The Hungarian government has instructed the interior ministry to physically close the border with Serbia,” Péter Szijjártó, the foreign minister said on Wednesday, adding that preparations would be completed within a week. The fence will be four meters high, 110 miles long, and may employ barbed wire, officials said. Hungary is one of the main points of entry for migrants into the Schengen passport free zone and is witnessing a spike in migration, with about 57,000 people entering the country illegally so far this year, up sharply from 43,000 in all of 2014. 95 percent of those cross from Serbia, which is not a member of the EU but has started accession talks. Last year, Hungary received more refugees per capita than any other EU country apart from Sweden. (NOLAN, 2015)

O Governo Húngaro é de extrema-direita. O primeiro ministro Viktor Orbán afirmou em 2015 que a proposta da União Europeia de distribuir os imigrantes igualmente entre os 28 Estados Membros do bloco (a tentativa da União de dar uma solução para a crise de refugiados) era insana. Além disso, existe uma grande insatisfação por parte do país com o fato de que as negociações são longas e consomem muito tempo. (NOLAN, 2015). A cidade húngara Kubekhaza, recebeu milhares de imigrantes que tentavam atravessar o país para chegar a outros países da Europa. De acordo com seu prefeito, Robert Molnar:

“We have a serious immigration issue. Europe is not prepared. It is important to protect our sovereignty. I accept that”, said Molnar 47, sitting in his office in Kubekhaza, a short distance from the point where the boundaries of Hungary, Romania and Serbia meet. (HJELMGAARD, 2018)

Robert Molnar compara os muros construídos pela Hungria com os que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump planejava construir na fronteira com o México. Molnar acredita que o único propósito desses é o teatro político e que, portanto, os mesmos deveriam ser destruídos. Ele afirma que o primeiro ministro húngaro, Viktor Orban, um nacionalista cuja campanha se baseia em retóricas anti-

imigração, vai alocar U\$1 bilhão<sup>7</sup> para a construção de cercas elétricas equipadas com câmeras e sensor de movimento para manter os imigrantes fora da Hungria. (HJELMGAARD, 2018). Mesmo que o dinheiro alocado seja menos do que U\$ 1 bilhão, o problema de nacionalistas de direita como Trump e Orban, é o fato de que ambos pregam discursos de ódios com símbolos teatrais, que chamam a atenção de suas populações.

O fato de que tanto o discurso político de Trump quanto o de Orban envolve a noção de manter imigrantes para fora já seria ruim para os imigrantes. Mas o que torna essa atitude pior é que eles ganharam as eleições (Orban está no cargo de primeiro-ministro da Hungria desde 2010). O discurso nacionalista de extrema-direita de proteção de cidadãos nacionais- o povo, concebido de forma homogênea – de “outros”, estrangeiros, aliado à prática de construção de muros não necessariamente impede a entrada das pessoas, mas ajuda a perpetuar nacionalistas como Trump e Orban no poder.

O muro de Orban e Trump é o muro teatral que Brown descreve. A importância desses muros não é manter as pessoas para fora e sim servir como um símbolo da soberania estatal e de que algo está sendo feito para resolver o problema. O fato dos muros serem grandes símbolos que chamam atenção ajudam na sua performatividade. Para Brown, os muros existem exatamente para cumprir uma performance e para se adequar ao discurso de nacionalistas como Trump e Orban.

---

<sup>7</sup> É difícil prever o total do custo, mas existe sim um investimento maciço por parte do Governo Húngaro para a construção e manutenção dos seus muros. Em 2015, afirmava-se que a construção do muro inicial custaria \$35 milhões de dólares. (HUNGARY, 2015).

Fotografia 3 – O muro da Hungria



Fonte: Hungary (2015).

Na época da construção dos muros na fronteira da Áustria com a Eslovênia, o então Chanceler Austríaco Werner Faymann vai estar sob pressão da extrema-direita para manter os refugiados longe da Áustria (o muro sendo uma das maneiras de colocar isso em prática). Inicialmente, Werner Faymann tinha uma política de portas-abertas para o refúgio, porém vai ser acusado de ceder para a extrema-direita e colocar em práticas ações para manter os imigrantes para fora. Nesse cenário de instabilidade, Faymann renuncia sua posição. (KARNITSCHINIG; KROET, 2016).

A Áustria foi um dos primeiros membros da União Europeia a construir muros que supostamente impediriam a entrada de imigrantes. Quando o Governo anunciou a construção desse muro, o planejamento era que ele ficasse pronto em 2015 e que consistisse em uma cerca de arame farpado de aproximadamente 37 km. O orçamento dado pelo Governo da Áustria para a construção desse muro foi de 10 milhões de euros. (HALL, 2015). O Governo não afirmou se o muro foi construído em sua completitude, mas existem muitas críticas por parte da Alemanha, União

Europeia e Itália sobre a construção dos muros e o endurecimento no controle das fronteiras. (EUROPE, 2016).

De todos os muros citados nessa pesquisa, o mais difícil de encontrar informações sobre é o austríaco. De acordo com Melanie Hall, a cerca construída pela Áustria na sua fronteira com a Eslovênia poderia ter tido uma lacuna de aproximadamente 800 metros quando produtores de vinho locais não permitiram a construção da cerca nas suas vinícolas. A sua ação ocorreu devido a uma percepção política de que o muro não deveria existir em um país que está em paz. De acordo com a autora o chefe da polícia nacional da época, Manfred Komericky, afirmou que não havia problema na lacuna já que a mesma poderia ser patrulhada por forças de segurança caso houvesse a necessidade. (HALL, 2015).

Além da criação do muro citado acima, o país estava investindo na construção de um “corredor de segurança” no território da Eslovênia patrulhado por soldados eslovenos. Ao mesmo tempo em que tomava essas decisões, a Áustria tentou se distanciar do muro criado pelo primeiro-ministro húngaro Orban, dizendo que as medidas adotadas pelo Governo Austríaco visavam garantir uma maneira humana e decente de lidar com multidões e não teriam nada a ver com os discursos e práticas anti-imigração de Orban. (MURPHY, 2015).

Fotografia 4 – O muro na fronteira entre Áustria e Eslovênia



Fonte: Murphy (2015).

A constante tentativa dos países que constroem os muros de demonstrar que os mesmos só estão sendo construídos para impedir a entrada de pessoas “ilegais” e que eles também servem para a própria segurança dessas pessoas nos leva a questionar os seus efeitos dentro da União Europeia. Schengen foi a construção de uma União Europeia sem fronteiras e com livre-movimento. Sempre houve um questionamento sobre essa liberdade de movimento e para quem ela realmente servia, mas com a construção de muros em fronteiras livres não há como ficar mais claro a mensagem de que nem todos são bem-vindos.

## **5. A consequência dos muros físicos: securitização, Fortaleza Europeia e teatralidade na prática**

Tendo demonstrado como e em quais localidades os muros físicos estão construídos, acredito ser necessário entender as consequências dessa construção para a União Europeia. De acordo com Wendy Brown, “the new walls often function theatrically, projecting power and efficaciousness that they do not and cannot actually exercise and that they also performatively contradict.” Wendy Brown também afirma que:

This theatricalized and spectacularized performance of sovereign power at aspirational or actual national borders brings into relief nation-state sovereignty's theological remainder. If walls do not actually accomplish the interdiction fueling and legitimating them, if they perversely institutionalize the contested and degraded status of the boundaries they limn, they nevertheless stage both sovereign jurisdiction and an aura of sovereign power and awe. (BROWN, 2010, p.26)

Isso significa que os muros que vimos acima funcionam de maneira teatral, os muros físicos projetam poder e eficácia que na realidade eles não produzem ou possuem. O que vemos é que esses muros não impedem realmente a entrada de ninguém. Eles servem na verdade para uma atuação performática de poder soberano. Em outras palavras, eles demonstram que o Estado está fazendo algo para lidar com aquela situação, quando na verdade os muros não estão impedindo a entrada das pessoas e sim legitimando aquele Estado e sua atuação.

O caso da Hungria é emblemático, porque ele demonstra como a partir de uma percepção de que a União Europeia não estava fazendo nada, o Governo Húngaro decide agir por contra própria e a partir do uso da sua soberania, construir os muros unilateralmente. Se fosse apenas Hungria fazendo isso, a União Europeia ainda teria uma contra resposta de que os novos membros são mais problemáticos



e de que ela está lidando com isso. Mas a partir do momento que outros países como Reino Unido e França também participam da construção de muros, a noção de comunidade política europeia começa a ser questionada.

Quando os países agem unilateralmente para lidar com uma crise migratória que afeta toda União, a própria concepção de comunidade política da União Europeia é afetada. Uma das bases da construção do bloco é o Espaço Schengen e a noção de fronteiras livres entre os países-membros. A construção de muros não só por membros da União, como membros do Espaço Schengen faz com que as fronteiras não pareçam tão livres assim. A partir disso, a União Europeia vai precisar de uma contra resposta que demonstre que ela está sim lidando com a crise migratória e suas possíveis consequências. A resposta do bloco vai ser um investimento maciço na Frontex e a securitização do migrante.

O aumento de investimento na Frontex não coloca em cheque o Espaço Schengen, pelo contrário serve para protegê-lo. O que importa é que a livre-circulação ainda funcione e que a comunidade política se mantenha para os cidadãos da União Europeia. Existe aqui então o movimento em direção ao que Huysmans chama de “Fortaleza Europeia”. Esse movimento diz respeito à securitização de migração. Para Huysmans enquanto o movimento de liberdade de locomoção diz respeito àqueles convidados a fazer parte da União Europeia, cidadãos de países terceiros ficam de fora.

A discussão de uma Fortaleza Europeia não é atual, Huysmans, Bigo e outros importantes autores da área já traziam essa discussão há vinte anos. Com a crise migratória vemos claramente que as tendências que eles identificaram foram intensificadas e materializadas em muros físicos, concretos e teatrais. Em seu artigo

“The European Union and the Securitization of Migration”, Jef Huysmans (2000)

discute uma passagem interessante de Rudge:

For example, an evaluation of the member organizations of the European Consultation on Refugees and Exiles concluded in 1989 that ‘we are heading in the wrong direction, motivated by a fortress mentality, and distracted from developing an appropriate response to the global dimensions of the problem’ (RUDGE, 1989, p. 212 apud HUYSMANS, 2000, p. 759).

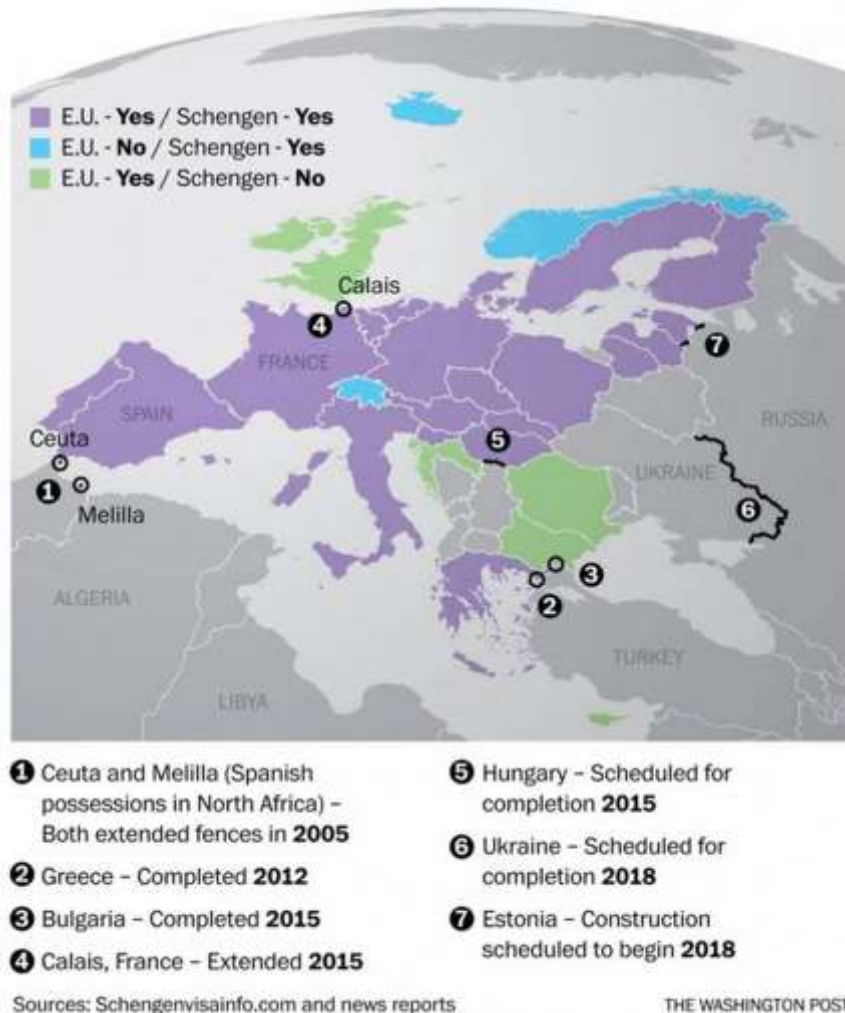
O argumento dessa pesquisa parte pelo mesmo caminho demonstrado por Rudge na citação acima. A ideia de que a Europa estaria sendo motivada por uma mentalidade de fortaleza, o que a estaria distraíndo de trazer outras respostas para a crise de refugiados está em vigor agora. Se a União Europeia espera encontrar uma solução para a crise de refúgio, então ela precisa dar uma nova tratativa para o problema. A securitização da migração não é a solução que mais impede a entrada de imigrantes e nem a melhor opção.

Em parte, o problema de encontrar a solução advém do fato de que a comunidade política europeia é formada por muitos membros e encontrar um consenso em um assunto tão polêmico se torna complicado. Isso no entanto não deveria impedir a União de batalhar por novas maneiras de lidar com a crise. Se as visões de extrema-direita continuarem a influenciar a União Europeia como comunidade política, o bloco pode se ver reformulado de uma maneira que gere uma nova crise sem respostas. A dificuldade da União Europeia e do Reino Unido de chegar a um consenso em relação ao Brexit, demonstra como a União está passando por desafios cada vez mais complexos que precisa aprender a lidar.

## Mapa 02 – Fortaleza Europeia

### Fortressing Europe

A spate of construction and planned construction of fences in Europe in the last decade hints at a new normal in illegal migration and a straining of old political ties.



Fonte: Taylor (2015)

A imagem acima demonstra bem a ideia de uma Fortaleza Europeia e como a mesma aumentou desde a crise migratória de 2015. Já existiam muros construídos em solo europeu antes de 2015 e existem muros de países que não são membros da União. Mas o interesse dessa pesquisa nos muros construídos pela Bulgária, Hungria, Áustria, Reino Unido e França vem do seu simbolismo atual e das suas possíveis consequências para a União Europeia. Espera-se que com esse trabalho muros que poderiam parecer desconexos demonstrem um movimento por parte de

Governos da Direita de colocar a soberania e o nacional de volta no jogo em contraponto com uma União supranacional que também demonstra uma falha em lidar com a crise migratória.

## Considerações Finais

A construção de muros físicos demonstra uma clara tentativa por parte de países da União Europeia de manter imigrantes do lado de fora. Essa tentativa por parte desses países já seria ruim o suficiente por si só, mas se torna pior a partir do momento que impacta toda a noção de comunidade política da União Europeia. A Frontex é uma política de imigração da União Europeia e assim como os muros só tem um objetivo: impedir a entrada de imigrantes não desejados pelo bloco. A quantidade exorbitante de dinheiro sendo investido nessa agência comprova que a União Europeia está num caminho de construção de uma “Fortaleza Europeia” que pode ser sem volta.

O argumento que tento defender é que os 12,6 bilhões de euros que vão ser investidos pela União Europeia na Frontex, com a possibilidade de 9,3 bilhões de euros adicionais para os países membros a partir do Fundo para a Gestão Integrada das Fronteiras poderiam estar sendo melhor investidos a partir de uma tratativa que no lugar de securitizar o migrante, o tratasse como uma oportunidade. (COMISSÃO EUROPEIA, 2018).

A União Europeia sempre se colocou como um bloco a favor dos Direitos Humanos, incluindo nas cláusulas de adesão ao bloco e de relações comerciais com o bloco, o cumprimento e a proteção dos Direitos Humanos. Esse discurso é colocado em cheque quando analisamos as centenas de prisões de europeus incluindo padres e bombeiros, cujo o único crime foi tentar ajudar refugiados a atravessar fronteiras de maneira segura. Essas pessoas são criminalizadas por prover transporte ou abrigo ou água e comida para pessoas que procuram asilo na

Europa. O crime que leva a essas prisões são os de “solidariedade humana”. (BULMAN, 2019).

A União Europeia defende que os direitos humanos são universais, também afirma que defende esses direitos não só dentro de suas fronteiras, mas externamente. O que vemos com as histórias dos muros e na maneira com a qual a Frontex opera (e o preocupante aumento de investimento nessa agência) é que a história não é bem essa. A Frontex ajuda a intensificar uma fortaleza europeia na qual os direitos humanos que importam são os dos europeus (aqueles cuja proteção e liberdade devem ser garantidas) enquanto os não europeus têm os seus direitos humanos deixados de lado.

O que tentamos afirmar é que enquanto a União Europeia está se afirmando externamente como o bastião da democracia e dos Direitos Humanos, internamente pela maneira com a qual está lidando com a crise dos migrantes, o cenário parece muito diferente. É preocupante que havia uma escolha entre usar o dinheiro da União para criar campos de refugiados e realocar seres humanos fugindo de uma Guerra Civil para diferentes lugares da Europa ou usar esse dinheiro para manter as pessoas do lado de fora ou em campos de refugiados (investidos pela União Europeia) em países terceiros à União com histórico de desrespeito aos Direitos Humanos e o bloco tenha escolhido essa última opção (HUMAN RIGHTS WATCH, 2019).

Os muros físicos e os não físicos (os construídos pela Frontex ou os gerados pelas prisões por “solidariedade humana” por exemplo) solidificam a criação de uma Fortaleza Europeia. Com exceção do Reino Unido<sup>8</sup>, todos os países que estão

---

<sup>8</sup> O Reino Unido nunca quis fazer parte de Schengen e o fato de estar construindo um muro em território francês que faz parte desse acordo, demonstra a sua insatisfação com a maneira que a imigração é lidada na União Europeia.

agindo para a construção de muros físicos citados nessa pesquisa fazem parte ou não fazer parte (como é o caso específico da Bulgária) do Espaço Schengen. São países que concordaram em ter fronteiras livres entre si e administrar essas fronteiras conjuntamente.

A Frontex é um exemplo de como essas fronteiras são administradas coletivamente. Portanto, o interesse da União Europeia em fortalecê-la pode ser visto como um contraponto às ações unilaterais dos Estados que construíram muros físicos. A União Europeia se forma como comunidade política com base no que ela não quer ser – quem ela está mantendo fora do seu território ao contribuir para a construção de uma fortaleza europeia. O lema da União “unidos na diversidade” diz respeito a diversidade europeia e não a diversidade daqueles que são considerados não pertencentes.

As escolhas da União Europeia refletem uma série de processos políticos que tornaram algumas escolhas sobre como resolver uma crise de migração mais prováveis que outras. As escolhas feitas envolveram a construção de muros físicos e o aumento do investimento na Frontex, mas essas não eram as únicas escolhas possíveis. Como argumentado ao longo do texto, em vez de ver os imigrantes como um problema de segurança, a União poderia ter alocado recursos para receber essa população de uma maneira diferente. Mudar a percepção sobre o outro envolve perceber como o mesmo pode contribuir economicamente e politicamente, no lugar de acreditar que o diferente vai ser sempre uma ameaça ao “eu”.

## Bibliografia

BENDER, R; POP, V. Austria to Build Fence on Slovenia Border to Slow Flow of Migrants. **The Wall Street Journal**. 28 out. 2015. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/austria-to-build-fence-on-slovenia-border-to-slow-flow-of-migrants-1446024586?alg=y>>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

BIGO, D; GUILD, E (Ed.). **Controlling frontiers: free movement into and within Europe**. Ashgate Publishing, Ltd., 2005.

BREUR, R. 'The Bulgarian Border was extremely dangerous'. **DW**. 11 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/en/the-bulgarian-border-was-extremely-dangerous/a-48290175>>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

BROWN, W. **Walled States, Waning Sovereignty**. London, UK: MIT Press. 2010. 167 p.

BULMAN, M. Hundreds of Europeans including firefighters and priests arrested for 'solidarity' with refugees, data shows. **Independent UK**. 18 maio 2019. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/migrants-refugees-solidarity-europeans-arrested-europe-opendemocracy-a8919686.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

CALAIS migrants: UK and France sign new treaty. **BBC News**. 19 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-politics-42723401>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

CHRISAFIS, A. UN urges France to act on 'dire' living conditions of refugees. **The Guardian**. 12 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/apr/12/un-france-dire-living->



conditions-refugees-calais-migrants-human-rights>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

CHIRSAFIS, A.; TRAVIS, A. UK immigration minister confirms work to start on £1,9m Calais wall. **The Guardian**. 7 set. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/sep/06/uk-immigration-minister-confirms-work-will-begin-on-big-new-wall-in-calais>>. Acesso em: 19 de set. 2017.

COMISSÃO EUROPEIA. **O Espaço Schengen**. [2019?]. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/schengen\\_brochure/schengen\\_brochure\\_dr3111126\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/schengen_brochure/schengen_brochure_dr3111126_pt.pdf)>. Acesso em: 14 de junho de 2019.

COMISSÃO EUROPEIA. Press Release Database. Questions and Answers: **Future EU funding for Borders and Migration**. Bruxelas, 12 de Junho de 2018. Disponível em: <[http://europa.eu/rapid/press-release\\_MEMO-18-4127\\_en.htm](http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-18-4127_en.htm)> Acesso em: 19 de abril de 2019.

COMISSÃO EUROPEIA. **Schengen Area**. [2013?] Disponível em: <[https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/borders-and-visas/schengen\\_en](https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/borders-and-visas/schengen_en)>. Acesso em: 27 de março de 2019.

COMISSÃO EUROPEIA. **A strengthened and fully equipped European Border and Coast Guard**. 2018. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/commission/sites/beta-political/files/soteu2018-factsheet-coast-guard\\_en.pdf](https://ec.europa.eu/commission/sites/beta-political/files/soteu2018-factsheet-coast-guard_en.pdf)>. Acesso em: 27 de março de 2019.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Outcome of the council meeting**. 3661<sup>st</sup> Council meeting. Justice and Home Affairs. Bruxelas, 6 e 7 de dezembro de 2018.

Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/media/37402/st15252-en18.pdf>>. Acesso em: 27 de março de 2019.

EUR-LEX. **Treaties.** [2013?]. Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/treaties.html>>. Acesso em: 25 de março de 2019.

EUROPE migrants: Austria builds Brenner border centre despite criticism. **BBC News.** 12 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-europe-36022914>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

FULL FACT. **How much is the UK spending on security at Calais?** 19 Jan. 2018. Disponível em: <<https://fullfact.org/immigration/uk-spending-security-calais/>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2019.

HALL, M. Austria's border fence could have 800-yard gap as local winemakers make a stand. **The Telegraph.** 13 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/austria/12048224/Austrias-border-fence-could-have-800-yard-gap-as-local-winemakers-make-a-stand.html>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

HJELMGAARD, K. Trump isn't the only one who wants to build a wall. These Europeans nations already did. **USA TODAY.** 24 maio 2018. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/news/world/2018/05/24/donald-trump-europe-border-walls-migrants/532572002/>>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

HUMAN RIGHTS WATCH. No escape from Hell: EU Policies Contribute to Abuse of Migrants in Libya. 21 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2019/01/21/no-escape-hell/eu-policies-contribute-abuse-migrants-libya>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

HUNGARY Enacts Game of Thrones to Deal With Migrant Crisis. **Sputnik News.** 17 set. 2015. Disponível em:

<<https://sputniknews.com/europe/201509171027141497-hungary-game-of-thrones-migrants-crisis/>>. Acesso em: 12 de março de 2019.

HUYSMANS, J. **Security! What do you mean? From concept to thick signifier**. European journal of international relations, v. 4, n. 2, p. 226-255, 1998.

HUYSMANS, J. **The politics of insecurity: Fear, migration and asylum in the EU**. Routledge, 2006.

HUYSMANS, J. **The European Union and the Securitization of Migration**. Journal of Common Market Studies, v.38, n.5, pp.751-777, 2000.

KARNITSCHINIG, M; KROET, C. Werner Faymann falls to Austrian right wing.

**POLITCO EU**. 10 maio 2016. Disponível em:

<<https://www.politico.eu/article/austrian-chancellor-werner-faymann-resigns/>>.

Acesso em: 23 de maio de 2019.

LEVIEV-SAWYER, C. Bulgarian government gives further 1.2M Ieva for new section of fence at Turkish border. **IBNA (Independent Balkan News Agency)**.

30 out. 2017. Disponível em:

<<http://www.balkaneu.com/bulgarian-government-gives-further-1-2m-leva-for-new-section-of-fence-at-turkish-border/>>. Acesso em: 19 de nov. 2017.

LYMAN, R. Bulgaria Puts Up a New Wall, but This One Keeps People Out. **The New York Times**. 5 abr. 2015 .Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2015/04/06/world/europe/bulgaria-puts-up-a-new-wall-but-this-one-keeps-people-out.html>>. Acesso em: 23/05/2019.

MALM, S. You're going to need an EVEN bigger fence! More than 3,000 migrants slip to Hungary in a single day despite added security along its border with Serbia, where toddlers are among those now sleeping in the dirt. **Daily Mail**. 30 ago. 2015.

Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-3216339/More-3-000->

migrants-Hungary-despite-bigger-fence-built-110-mile-border-Serbia-hundreds-Syrians-sleeping-streets.html>. Acesso em 13 de abril de 2019.

MCGUINNESS, R. 'It's finished' Calais oficial says UK-funded anti-migrant wall has finally been built. **Express UK**. 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.express.co.uk/news/world/742979/great-wall-of-calais-completed-concrete-barrier-british-funded-france>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

MURPHY, F. Austria Plans Border Fence With Slovenia To Control Migrant Flow. 13 nov. 2015. **Huffington Post**. Disponível em: <[https://www.huffpost.com/entry/austria-plans-border-fence-with-slovenia-to-control-migrant-flow\\_n\\_5645e7a9e4b0603773489317](https://www.huffpost.com/entry/austria-plans-border-fence-with-slovenia-to-control-migrant-flow_n_5645e7a9e4b0603773489317)> Acesso em: 20 de maio de 2019.

NIELSEN, N. **Frontex: Europe's new law enforcement agency?** 22 fev. 2018. Disponível em: <<https://euobserver.com/justice/141062>. > Acesso em: 27 de março de 2019.

NOLAN, D. Hungary orders 100-mile Serbia border fence to keep out migrants. **The Telegraph UK**. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/hungary/11680840/Hungary-orders-100-mile-Serbia-border-fence-to-keep-out-migrants.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

PARLAMENTO EUROPEU. **Schengen Governance after the Lisbon Treaty**. Disponível em: <<http://www.europarl.europa.eu/eplibrary/Schengen-governance-after-the-Lisbon-Treaty.pdf>. > Acesso em: 18 de dez. 2018.

POLITICS prevailed over promises by France and UK in handling of children at Calais 'Jungle' – UN experts. **UN NEWS**. 02 de nov. 2016. Disponível em:

<<https://news.un.org/en/story/2016/11/544332-politics-prevailed-over-promises-france-and-uk-handling-children-calais-jungle>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

ROSAMOND, B. Introduction. In: ROSAMOND, B. **Theories of European Integration**. Palgrave, 2000, p.1-19.

SILVA, W; DO AMARAL, N. **A Imigração na Europa: a ação política da União Europeia para as migrações extracomunitárias**. Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos, v. 34, n. 66, p. 235-259, 2013.

SPINDLER, W. UNHCR concerned about conditions in Calais and Dunkerque.

**UNHCR**. 05 fev. 2016. Disponível em:

<<https://www.unhcr.org/news/latest/2016/2/56b4ac916/unhcr-concerned-conditions-calais-dunkerque.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

TAMBINI, Joe. Le Touquet agreement: What is the Treaty of Touquet and what does deal mean for Britain? **Express UK**. 18 jan. 2018. Disponível em:

<<https://www.express.co.uk/news/world/906732/Le-Touquet-agreement-what-is-treaty-mean-UK-France-immigration>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

TAYLOR, A. Migrant crisis: The walls Europe is building to keep people out.

**Independent UK**. 29 ago. 2015. Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/news/world/europe/migrant-crisis-the-walls-europe-is-building-to-keep-people-out-10477233.html>> Acesso em: 20 de maio de 2019.

TOWNSEND, M. Police with batons and teargas force migrants to flee Calais Camp. **The Guardian**. 1 dez. 2018. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2018/dec/01/french-police-step-up-calais-refugee-evictions>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

UÇARER, E. M. The area of freedom, security, and justice. **European Union Politics**, p. 281-295, 2013.

UK HOME OFFICE. FOI REFERENCE: 41250. 28 abr. 2017. Disponível em: <[https://fullfact.org/media/uploads/foi\\_response\\_41250\\_-\\_r.pdf](https://fullfact.org/media/uploads/foi_response_41250_-_r.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

UNHCR. Bulgária. **2015 Annual Border Monitoring Report**. Sofia, 30 de Julho de 2016. Disponível em: <[https://www.asylumineurope.org/sites/default/files/resources/2015\\_annual\\_report\\_access\\_to\\_territory\\_and\\_asylum\\_procedure\\_en.pdf](https://www.asylumineurope.org/sites/default/files/resources/2015_annual_report_access_to_territory_and_asylum_procedure_en.pdf)>. Acesso em: 21 de janeiro de 2019.

UNIÃO EUROPEIA. **A divisa da UE**. [2000?]. Disponível em: <[https://europa.eu/european-union/about-eu/symbols/motto\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/symbols/motto_pt)>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

UNIÃO EUROPEIA. **Tratados da UE**. [2013?]. Disponível em: <[https://europa.eu/european-union/law/treaties\\_pt](https://europa.eu/european-union/law/treaties_pt)>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

UNIÃO EUROPEIA. **Países**. [2017?] Disponível em: <[https://europa.eu/european-union/about-eu/countries\\_pt](https://europa.eu/european-union/about-eu/countries_pt)>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

WILLSHER, K. France will not allow another refugee camp in Calais, says Macron. **The Guardian**. 16 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/jan/16/macron-visits-calais-before-migrant-crisis-meeting-with-may>>. Acesso em: 30 de março de 2019.

ZATAT, N. A map of the six countries who have built a wall to stop migrants. **INDEPENDENT UK**. 21 set. 2016. Disponível em:

<<https://www.indy100.com/article/a-map-of-the-six-european-countries-who-have-built-a-wall-to-stop-migrants-7320271>>. Acesso em: 19 de set. 2017.